

OFICINA DE BONECOS EM PROCESSO ARTETERAPÊUTICO COMO RECURSO PARA TRANSFORMAÇÃO DE CONFLITOS – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Néclea Dantas de Carvalho¹
Dra. Juliana Leonardi²

RESUMO

O presente artigo trata de um relato de experiência em ateliê arteterapêutico com a metodologia das oficinas criativas da psicopedagoga Cristina Dias Alessandrini e que serviu como recurso artístico para as transformações de conflitos internos do processo da pesquisadora Néclea Dantas de Carvalho em sua busca e trabalho com as abordagens dos Estudos para Paz. A arteterapia é referência para desenvolvimento/descoberta do processo criativo, levando o SER a ser autor de sua trajetória. Durante as vivências em ateliê arteterapêutico foi construído uma boneca, MANUDALA, que nasce durante a oficina criativas e que permitiu a partir de seus processos criativos a tomada de consciência dos potenciais e dos caminhos possíveis na transformação dos conflitos.

PALAVRAS-CHAVE

Arteterapia. Estudos para Paz. Processo Criativo. Oficinas Criativas. Transformação de Conflitos.

ABSTRACT

This article is a report of an experience in art therapy workshop with the methodology of creative workshops of psycho Cristina Dias Alessandrini and served as artistic resource for the transformation of internal conflicts of the Néclea Dantas de Carvalho researcher process in your search and

1. Pedagoga, Psicopedagoga, Arteterapeuta e Professora Especialista em AEE – Atendimento Educacional especializado pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Psicopedagoga da coordenação da equipe de Educação Inclusiva do município de Nossa Senhora do Socorro-SE, professora e orientadora de estágio dos cursos de especialização em Psicopedagogia e Neuropedagogia da Faculdade Amadeus/Sergipe. Email: neclea@hotmail.com

2. Doutora em Ciências da Saúde pela USP de Ribeirão Preto. Mestre em Enfermagem pela USP de Ribeirão Preto. Especialização (em andamento) em Psicopedagogia Institucional pela Universidade Estácio de Sá de Ribeirão Preto. Bacharel em Musicoterapia pela Universidade de Ribeirão Preto. É Professora da Universidade Estácio de Sá de Ribeirão Preto. Professora convidada da Pós-Graduação em Estudos da Paz, do Desenvolvimento e da Transformação de Conflitos da Universidade Tiradentes de Aracaju/SE. E-mail: professorajulianaleonardi@gmail.com

work with approaches of Education for Peace. Art therapy is a reference for development / discovery of the creative process, taking the BE the author of his career. During the moments in art therapy studio was built a doll, MANUDALA, born during the creative workshop and that allowed from their creative processes the awareness of the potential and the possible paths in the transformation of conflicts.

KEYWORDS

Art Therapy. Studies for Peace. Creative Process. Creative Workshops. Conflict Transformation.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem o propósito de relatar a transformação de conflito que se deu no processo arteterapêutico da pesquisadora Néclea Dantas de Carvalho a partir de seu contato com o trabalho de oficinas criativas da psicopedagoga, arteterapeuta Cristina Dias Alessandrini e teve seu ciclo concluído com a jornada nos caminhos da paz na Pós-Graduação em Estudos da Paz, do Desenvolvimento e da Transformação de Conflitos da Universidade Tiradentes de Sergipe.

A boneca Manudala, nasceu do processo de dois anos da pesquisadora no curso de arteterapia, um caminho de possibilidades e realizações a partir da arte, um caminho trilhado com muita satisfação e descobertas.

Dentre as descobertas, o despertar para o cuidado com o habitat interno do ser humano, o habitat da pesquisadora projetado no nascimento de uma boneca criada na oficina criativa (ALESSANDRINI, 1996) em atêlie arteterapêutico.

O surgimento de Manudala vem a tona com um profundo desejo de aprender a cuidar do coletivo, do social, do que se refere ao mundo, uma expansão do micro, do que traz o eu, para o macro, o que traduz as relações humanas no mundo. Uma profunda e prazerosa vontade de ser o beija flor que leva a gota d'água com a pretensão de apagar o incêndio, sem se importar com a imensidão do fogo.

Esse desejo nasce, se reacende num processo, ao passo que as partes da boneca, Manudala, vão sendo costuradas e ganhando vida nas cinco etapas das oficinas criativas (ALESSANDRINI, 1996): Sensibilização, Expressão livre, Elaboração da expressão, Transposição da linguagem e avaliação.

Como numa poesia, as cinco etapas promovem o encontro do eu da pesquisadora com o eu da pesquisadora guardado e calado diante das violências vividas e não resolvidas em sua história pessoal.

Histórias perdidas, mas que puderam ser resignificadas e restauradas quando a pesquisadora entrou em contato com os Estudos para paz, quando nas discussões durante as aulas que traziam para a roda as questões da pobreza mundial, um capítulo a parte dessa trajetória tão viva dentro da história da pesquisadora foram projetadas e resignificadas na boneca Manudala.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 ARTETERAPIA

A arteterapia é um caminho possível de ser trilhado, a partir do desenvolvimento/descoberta do processo criativo, que leva o SER a ser autor de sua trajetória, tomando consciência, se apropriando e optando pelo que possa trazer VIDA e SAÚDE à sua vida.

A arteterapia é a espinha dorsal do corpo que fala e reage ao mundo externo, que vezes cala, que vezes guarda o que não compreende, o que não aceita. A arteterapia é o fio condutor de conexões que se interligam em prol da VIDA.

Arteterapia, arte de viver, arte de possibilidades, arte de perceber e conceber a si mesma a oportunidade de trazer à tona o que julgamos não conhecer, não entender e não anunciar. Terapia de revelar a si mesmo o que se guardou no andar mais alto da torre, questões, soluções e problemas de teoremas aparentemente sem resoluções. Arteterapia, um caminho possível de ser trilhado e compartilhado consigo e com o outro, um caminho de possibilidades e sonhos que

de olhos abertos revelam enigmas e sentimentos que dizem de você e do outro, um processo que se revela em contato com a arte de explorar, de sentir, de criar, de revelar e ressignificar, dando novo sentido ao que não basta, ao que não abastece e nutre a alma, é um constante alimentar-se, uma constante descoberta e redescoberta de algo que não aparecia nesse espaço externo e visível.

Sendo a arteterapia esse campo de possibilidades, trago o propósito de apresentar, relacionando a teoria e prática arteterapêutica, um pouco da minha trajetória projetada em Manudala, que traduz uma mulher em processo arteterapêutico, que se permitiu abrir portas internas para o mundo externo, como um caminho de pequenas e grandes realizações de revelações e segredos, um caminho sem volta e sem retrocessos.

Arteterapia: um caminho de possibilidades e realizações. Um caminho para “[...] Tomar consciência de suas possibilidades de escolhas e enfim, a fazer opções entre elas” (VALADARES, 2006, p. 11).

A arteterapia é um ponto de partida para perceber o desvelar de caminhos que foram revelados a partir do despertar para o criativo. Esse processo que é nutrido com a arte imprime novas marcas na trajetória do SER e sistematiza os registros desse caminhar, elabora questões e visualiza novos caminhos, perceber-se e perceber o outro nessa história de conquistas, desafios e limites que ora podem ser quebrados, ora percebido, ora questionado.

2.2 CULTURA DE PAZ

A palavra PAZ, com apenas três letras traz uma carga muito subjetiva quando relacionada ao entendimento e ao imaginário do ser humano. Podemos encontrar como respostas, ao tentar defini-la, desde entendimentos acerca do conceito relacionando à Paz como ausência de conflito, passividade até a felicidade, paz interior, equilíbrio.

Ao defini-la no primeiro momento é necessário fazer relação com qualidade de vida, paz a serviço do social do coletivo, paz como instrumento de dignidade humana, de alimento para o cotidiano

das relações sociais que funcionam como palco de acontecimentos rotineiros na vida do Ser.

Quando relacionada à Paz, a qualidade de vida faz referência aos conflitos diários que são travados na busca pela vida, desde como orientar um filho a seguir na vida, desde a maneira como o ser humano se relaciona com os pares, desempenhando um papel que se deve em alguns momentos ser protagonista, em outros coadjuvante e em outros dar espaço para que o ser se transforme nessa relação que a serviço da paz jamais deverá ser uma relação de empoderamento da verdade, da certeza e do radicalismo.

Nos **estudos dos conflitos** o foco não é a resolução, ou quem está certo ou errado, como punir e o que fazer para punir um dos lados. O alvo de análise é como transformar esse conflito numa situação possível de se conviver, utilizando a compreensão e a escuta, trabalhada num terreno neutro do conflito – a busca por soluções possíveis de se colocar em prática sem desconfigurar ambas as partes. Essa é a perspectiva da atualidade, pensar no conflito em chave de paz.

Na atualidade se fala em uma Cultura de Paz como possibilidade de transformação de conflito, se referindo à paz como novas maneiras de se relacionar, uma nova *cultura para fazer as pazes*.

Pensando nessa novas culturas para fazer as pazes e pensando nas relações do eu com o mundo, como espaço de ressignificação e possibilidades de se trilhar velhos caminhos com novos olhares que a cultura de paz se entrelaça com a história da pesquisadora e se integra a descoberta de Manudala, conectado com a arteterapia e o desenvolvimento humano.

2.3 O NASCIMENTO DE MANUDALA A PARTIR DAS OFICINAS CRIATIVAS

2.3.1 ETC e Oficinas Criativas

O criativo é o pano de fundo entre a utilização de recursos artísticos e a produção final, como resultado do proposto e a ação do sujeito sobre os materiais escolhidos.

O criativo aciona canais internos como nos diz¹ Kagin-Lusebrink (1978) a partir de seus estudos, o Continuum das Terapias Expressivas (ETC).

O ETC é um modelo conceitual construído para ser utilizado pelos vários campos de psicoterapias artísticas e expressivas. O continuum é composto por quatro níveis, que representam quatro modalidades de interação com materiais, que teoricamente refletem os diferentes modos de expressão humana (KAGIN-LUSEBRINK, 1978, p.171).

Segundo Allessandrini (2004, p. 86), no sensorio motor “[...] trabalhamos a liberação energética por meio do movimento”, configurando o movimento inicial para a entrada no trabalho que traz como foco acionar o processo criativo do indivíduo a ser trabalhado. No perceptivo-afetivo “[...] trabalhamos com a maneira como o sujeito percebe e sente sua interação com diferentes materiais artísticos. Ela é decorrente do que foi vivido no nível sensorio-motor e que recebeu forma, funcionando como uma sequência necessária e indispensável para a etapa seguinte, que se caracteriza por exigir o perceptivo afetivo, onde o individuo interage com experiências inéditas a níveis emotivos e perceptíveis, diferentes do cognitivo e do simbólico [...] tornam presente a experiência em sua dimensão conceitual” (ALLESSANDRINI, 2004, p. 87).

O criativo “É um elemento que ‘costura’ cada etapa do processo” (ALLESSANDRINI, 2004, p. 86), sugerindo como possibilidade de (re)significar pontos que impedem o desenvolvimento do ser.

Os níveis do ETC, descritos acima, fundamentam a metodologia das Oficinas Criativas (ALLESSANDRINI, 1996), utilizada para trabalhar com a arteterapia no processo de ‘cura’ do ser. É na oficina criativa que o arteterapeuta trabalha com materiais artísticos nos diversos níveis citados anteriormente.

A metodologia das oficinas é constituída por fases onde não há uma maior ou menor importância entre elas, mas etapas que compõem o todo e possuem sua relevância própria e necessária na trajetória que culmina na aprendizagem humana. Cada etapa desse processo compõe o todo, que interligados numa rede de significados se comunicam, se interligam, não como um elo de correntes, mas como uma rede de sinais que se relacionam entre si.

Não existem objetos isolados, nem tampouco espaços vazios entre eles, mas sim um tecido invisível de redes de interconexões, caracterizando os diferentes processos que se operam. A realidade é descrita como uma totalidade de partes não divisíveis num permanente processo de construção, desconstrução e possíveis reconstruções. E o indivíduo nessa nova concepção é um ser incompleto, inacabado num constante movimento de vir a ser. (MORAES, 2004, p. 78).

Cada etapa tem sua função, propósito e são nomeadas como:

Sensibilização;
Expressão livre;
Elaboração da expressão;
Transposição da linguagem;
Avaliação.

Na **sensibilização**, o sujeito estabelece uma relação com o mundo apoiando-se na sensibilidade e percepção de seu eu e de todos os objetos que o cercam. Este ‘perceber’ implica no uso dos canais sensoriais integrados aos sentimentos, proporcionando a organização das impressões ao nível de imagens. As estratégias usadas no decorrer da sensibilização podem se apoiar no jogo lúdico, em observação dirigida ou sugerida, em construção no imaginário. O importante é que sejam garantidos o envolvimento na relação do sujeito com a situação, ‘[...] momento em que o sujeito estabelece contato com o trabalho que se está iniciando e tem como objetivos o contato com seu mundo interno” (ALLESSANDRINI, 2004, p. 83).

1. ETC – THE EXPRESSIVE THERAPIES CONTINUUM (O Continuum das Terapias Expressivas) publicado em “The Arts in Psychotherapy”.

Durante a **expressão livre**, o indivíduo expressa a experiência vivida por meio de uma linguagem não-verbal. Consideramos importante possibilitar ao indivíduo a expressão livre de seu sentimento e pensamento, utilizando as diversas áreas artísticas: plástica, cênica e musical, “[...], em um ir e vir de movimentos que surgem naturalmente” (ALESSANDRINI, 2004, p. 83).

A etapa seguinte é a **elaboração da expressão**, onde ocorre o aprimoramento da linguagem escolhida pelo sujeito em um retrabalhar ainda ao nível da arte e da representação não-verbal do conteúdo emergente. ‘Essa elaboração pressupõe um redimensionamento do que foi feito até então. Observa-se a partir de um ângulo novo, localizam-se novas formas nas figuras que emergem e que saltam aos nossos olhos” (ALESSANDRINI, 2004, p. 84).

Na **transposição de linguagem**, há o (re)significar do processo: a imagem interna sugere a criação de mensagens e textos. É o momento em que se pode trabalhar de forma mais diretiva e estruturada os recursos técnicos necessários ao aperfeiçoamento da linguagem oral e escrita, associados aos processos de raciocínio e de operacionalização do pensamento, onde ocorre a “[...] passagem daqueles conteúdos para uma nova linguagem” (ALESSANDRINI, 2004, p. 84).

A escrita criativa, também, constitui um recurso utilizado na transposição de linguagem, como “[...] uma forma eficaz de auto-análise, uma vez que fortes emoções podem ser liberadas no ato de escrever” (NIEMEYER, 1994, p. 23).

A partir da escrita criativa as palavras dão forma a sentimentos dispersos que surgem na sensibilização e na materialização da elaboração da expressão. Acredita-se que a escrita criativa é o espelho da alma, que ao ganhar forma no papel delinea o contorno do que aparentemente não tinha forma, é como um esculpir, o transformar, é o criativo acionado, dando direcionamento ao que aparentemente estava sem direção.

‘Escrevendo, emoções como dor, tristeza, medo, solidão devem ser transformada em

imagens. Assim elas voltam como imagens e não de uma forma destrutiva’ (NIEMEYER, 1994, p.23). Nas oficinas criativas a escrita é uma forma de elaborar conteúdos que vêm à superfície, como um emergir das profundezas do eu, com força total para revelar e registrar pedaços do quebra cabeça interior.

[...] palavras são capazes de modificar as pessoas, sua visão da vida ao mundo, o que também defende, por exemplo, Joseph Von Erichendorff. ‘Uma canção está dormindo em todas as coisas/ que sonham e sonham/e o mundo começa a cantar/se você apenas encontrar a palavra mágica’. (NIEMEYER, 1994, p. 27).

O momento final das oficinas criativas é a **avaliação**, onde ocorre a retomada do processo, permitindo a conscientização e percepção crítica do indivíduo na aquisição de novos conhecimentos. Ao mesmo tempo, esta avaliação é o conjunto de informações que permitem identificar os processos que foram significados. Funciona como ‘recomposição das etapas processuais, o que permite que a aprendizagem produzida seja tornada consciente” (ALESSANDRINI, 2004, p. 85).

Arteterapia, caminhos de possibilidades e realizações, um encontro, um diálogo com o seu interior, um portal para se descobrir e revelar o que se julga não conhecer, a arte atuando numa relação estreita entre o consciente e o inconsciente, uma ação de respeito com você e com o outro.

[...] o trabalho com arteterapia visa, exatamente, permitir a ação mental, ou a elaboração, com o intuito de extrair a emoção afetividade, sentimentos que se encontra ‘oculta’ com a idéia na imagem formada, em princípio inexistente no sentido empírico. URRUTIGARRAI, 2003. p. 26).

Trabalho que é tocado com a interação na qualidade dos materiais, e na utilização e/ou produção de imagens.

2.3.2 Ateliê Arteterapêutico e Materiais Artísticos

O arteterapeuta desenvolve seu trabalho em ateliê arteterapêutico, utilizando-se de recursos artísticos para acionar o criativo em busca de espaço de (re)significação e elaboração de conteúdos que emergem no trabalho desenvolvido, onde cada etapa tem o seu valor nesse processo, sendo indissociáveis e necessários.

A arteterapia é uma área delineada por expressões advindas da pintura, do desenho livre, da expressão corporal, seja pela dança, pela música, pela arte de interpretar, que promovem a integração do SER total conectado com o cognitivo e o afetivo num corpo que rege as relações com o mundo externo. O criativo é o pano de fundo entre a utilização desses recursos artísticos e a produção final, como resultado do proposto e a ação do sujeito sobre os materiais escolhidos para serem utilizados nas oficinas criativas.

Ao planejar uma oficina criativa deve-se ter todo cuidado com o material a ser utilizado, assim como a relação que esse material tem com o objetivo do encontro, considerando o que esse recurso artístico poderá acionar no sujeito, procurando cuidar do processo de amadurecimento desse ser em questão, buscando preservar sua integridade emocional, pois cada material tem sua propriedade e evoca no indivíduo um sentimento, uma sensação que poderá estar a serviço do (re)significar de fraturas do eu interior.

Esses materiais são utilizados em ateliê arteterapêutico e são planejados criteriosamente para que possam estar a serviço do construir e não do destruir. Inicialmente se indica trabalhar com materiais estruturantes que evoquem sentimentos de segurança e conforto.

Expressar com materiais requer o processo de ir elaborando internamente as relações com o material, sentindo as facilidades e as dificuldades na relação com o suporte, as ferramentas, os materiais, as técnicas e os elementos da linguagem plástica. [...] O homem e a matéria interagem e

atuam em sua energia criativa, e ambos se modificam nessa relação. Há um diálogo, às vezes uma 'briga', encontros e desencontros, em que o tempo e a dimensão espacial se transformam. Entre embates e buscas, a criação se processa e o indivíduo vai podendo ver na matéria o que vem de seu mundo subjetivo e de seu olhar mais consciente. (SAVIANI, 2004, p. 72).

A cada oficina vai utilizando materiais variados e vivenciando sentimentos que emergem a partir da produção plástica, resultado das experiências com o material e o produto final. Ao término, essa produção funciona como parte de uma colcha de retalho que vão sendo construídas com o trabalho das demais oficinas.

Os materiais e os instrumentos vão facilitar ou dificultar a atuação e, junto com a linguagem, darão forma ao mundo subjetivo. Elementos como linha, forma, cor, textura, mancha, luz e som, figura-fundo, dinâmica, ritmo, espaço, composição, planos, veladuras, ocupação do espaço e movimentos serão pesquisados para que a linguagem seja manifestada e expressa em imagem (SAVIANI, 2004, p. 72).

Cada material tem um porquê de ser selecionado para cada encontro. O giz de cera é um material mais resistente, pode proporcionar mais firmeza e segurança para quem o manuseia, indicado para grupos que estão iniciando. Já o hidrocor preserva essa segurança, um material diluído em água que permite o controle de quem está manipulando. 'Assim embora expanda afeto, permite certo controle dos resultados' (COUTINHO, 2005, p. 73).

A escolha dos papéis a serem utilizados, também, é muito importante, por imprime uma qualidade na produção artística e serve de fio condutor para os sentimentos evocados, pois tanto o tamanho, a textura e a forma influenciam na relação estabelecida com o material.

Tipos de papel e características:

- Papelão: Alta resistência e aparência arcaica;
- Papel sulfite: Conhecido e muito utilizado para escrever;

- Cartolina: Resistente, apresenta maleabilidade e colorido dos dois lados;
- Papel canson: Variedade de tamanho e resistente;

Deve-se ter o cuidado e atenção à finalidade de cada recurso ministrado durante o processo, a sequência e a lógica de cada um para que a segurança, o bem estar e o acionar do criativo estejam a serviço do desenvolvimento cognitivo e afetivo de cada indivíduo, pois ‘ao pintar, desenhar, modelar, a criança se encontra diante de múltiplas possibilidades criativas, explorando os materiais, o que se constitui em uma atividade enriquecedora, que combina e aguça todos os sentidos’ (COUTINHO, 2005, p. 62).

Sendo a arteterapia esse campo de possibilidades, apresentaremos, relacionando a teoria e prática arteterapêutica, um pouco da trajetória da pesquisadora a partir das elaborações feitas na construção de Manudala, uma boneca que surge nas oficinas criativas em processo arteterapêutico, abrindo portas internas para o mundo externo, como um caminho de pequenas e grandes realizações, revelações e segredos. Um caminho sem volta e sem retrocessos.

Arteterapia: um caminho de possibilidades e realizações, um caminho para (re)significação e realização entre o presente e futuro.

2.4 O MEU CAMINHAR COMO MANUDALA NA ARTETERAPIA

Caminhar é preciso,
caminhar é necessário,
caminhar é juntar as peças do quebra-cabeça,
caminhar é aprendizagem,
caminhar é difícil,
caminhar é aplicar o experimentado,
caminhar é arteterapia.

O desvelar do caminhar traduz o despertar do sentimento de pertença ao mundo, sentimento de vida renascido no curso de arteterapia. Cada etapa vivenciada funcionou como um degrau projetado no desenvolvimento de Manudala.

Nessa trajetória o meu suporte foram as vivências das oficinas criativas que experimentei. Algumas marcaram mais que as outras, mas sem dúvida cada uma teve sua importância.

Merece destaque a construção com os bonecos que vieram com conexões necessárias com materialização de Manudala. Esses momentos funcionaram com um botão acionador das entranhas do meu íntimo, um canal direto com questões que posteriormente foram levados para terapia.

Foi um processo que já havia sido aberto em módulos anteriores, mas especialmente esse foi ímpar e revelador, pois ao construir a boneca, foi como construir uma ponte para a minha imagem corporal, sensações ímpar, juntando partes e se conhecendo enquanto físico, associado à sensação de que eu já me conhecia enquanto interior, caixa interna, tanto que ao construí-la não me causou estranheza, mas a boneca era como se eu tivesse desvelando o físico.

Foi tudo muito difícil e o que mais mexeu comigo, foi a falta de intimidade com as partes, não consegui deixar a cabeça em harmonia com o pescoço e construir as mãos foi um enigma, um bater de cabeça, cortava dali, mexia acolá, apertava e recriava, mas tudo parecia sobrar ou faltar, o pescoço parecia carregar 1000 toneladas, projetando o mundo nas costas, a cabeça foi um cair de ficha, pois ao enfiar o palito, eu me percebi cabeça dura: ‘Essa boneca tem a cabeça dura’, e quando admiti isso para mim, parecia que estava entendendo grande parte do passado e do meu ser: ‘cabeça dura’, que pesou ouvir isso, mas que aliviou poder dizer, escutar e reconhecer.

A roupa parecia não caber em Manudala tão desengonçada, então resolvi construí-la com o que tinha de mais íntimo e conhecido de mim.

Para representar isso fiz uma mandala no vestido como forma de marcar o meu eu puro e sincero, emoção, intuição, verdadeiramente Manudala e isso me fez bem, era como se naquele momento eu não me importasse mais com o braço que estava desengonçado, com a roupa curta e tão pouco

com o pescoço duro e pesado, percebi que o sentido não estava no externo e sim no interno tal qual é, e tudo isso diz do pessoal e do profissional, parte de mim que não se dissociam, pois sempre busco isso nas relações.

Esse foi o reconhecimento do eu da pesquisadora projetada em Manudala. Não é à toa que escolhi a educação para atuar e os atendimentos clínicos em psicopedagogia para fazer parte do meu dia a dia. Essas escolhas funcionam como essa boneca que montei e percebi que o que fez a verdadeira diferença foi o seu interior, a essência de sua existência.

Eis manudala:

Nome: Manú Dala Dantas de Carvalho

Local de nascimento: São Paulo

Data de nascimento: 24/06/1973

Características: frágil, sentimental, observadora, intuitiva, receptiva, admirável.

Eis como é:

Um personagem de vida, uma história de amor
Coração, amor, intuição

Assim eu sou

Vibração e emoção

Sensação, transposição

União, integração

Ser em detrimento do ter

Vida e pulsação

Admirável, intensa

Cores, rumores

Manú dala dala manú

Manú vida

Mandala da vida

2.5 MANÚ DALA E A CHAVE PARA O ENCONTRO COM A PAZ

A vida me fez várias perguntas, as quais não escutei e no trilhar dos estudos para paz aprendi a perguntar a partir de outra pergunta. Encontrei chaves e mais chaves, chaves que apontaram novos caminhos, chaves que me sinalizaram ensinamentos que me motivaram a decidir e a desistir, a me alegrar e a refletir. Chave que parecia falar algo que eu não queria escutar.

A chave que ao virar à direita fecha e ao olhar do outro parece ser desleixo e ao virar para esquerda abre e revela a porta que eu não queria fechar.

A chave do conflito interno que me revela para o mundo como confusa, desatenta, vibrante e que por horas e horas, dias, semanas, meses, anos e anos escondia a essência de uma Nêclea tranquila, serena, atenta e conectada com o mundo.

O que será preciso esquecer para aprender é a CHAVE que não fecha, ela apenas abre, abre portas, abre caminhos, abre oportunidades, abre situações e julgamentos. Uma chave que esquece em algumas situações que é composta de duas funções: CHAVE que oras ABRE, CHAVE que oras FECHA, assim como a troca de papéis da cultura da paz, a chave a serviço da transformação de conflitos. A chave que une e separa histórias; e como diz Carlos Drummond de Andrade... a chave, a porta a espera do encaixe perfeito.

A chave nesse encaixe deverá desempenhar os dois papéis: O de abrir e o de fechar. É Preciso esquecer; desaprender a chave que me foi ensinada em algum momento trajetória de Manú-Dala, desconfigurar-se, para só assim aprendê-la e finalmente ter a chave de Drummond, que entranha em mim e de tanto apertá-la revela em mim, o que está no outro... a chave, a porta, o encaixe perfeito... então o que pode vir a ser... deixar ir embora para vir o que tiver de vir... jogar a chave que deixa aberto para fechar o ciclo.

Nas transformações de conflito o foco não seria trocar a fechadura, ou arrancar a porta e assim resolver o problema, mas transformar o conflito em chave de paz é compreender o que essa chave quer dizer e ao passo que eu a escutei pude abrir novas fechaduras sem abandonar a que me levou a percepção da realidade.

Hoje não saberia dizer quantas portas serão abertas, ou se o conflito de Nêclea com Nêclea cessou e a paz inerte reina plenamente, hoje posso dizer sim que o conflito aciona ações que me impulsionam para o crescimento espiritual e me faz ver o quanto posso caminhar sem atropelos

e quedas que reacendem feridas e machucam a alma. Hoje posso resolver meus conflitos sem nominá-los de João, Maria, Joaquim ou Severina, posso me vê refletida nas águas turbulentas da vida sem precisar mergulhar e me afogar.

O surgimento dessa boneca trouxe luz à percepção da pesquisadora, as suas reflexões que a faz caminhar ao encontro aos Estudos para paz e entender que conflito não se resolve, mas se transforma e que transformação não é se livrar e mais a frente o encontrá-lo com outra roupagem, achando que tudo mudou, mas acreditar que transformar é entrar em contato com o conflito e aprender com ele, numa lição cíclica em busca da paz.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O arteterapeuta utiliza-se da afetividade para estabelecer um vínculo com o público a ser trabalhado, sendo esse vínculo inicial o ponto de partida, o fio que permeia todo o processo. Em ateliê arteterapêutico o foco é o processo de amadurecimento do ser, o encontro dele consigo mesmo, '[...], esse lugar constitui um limite que protege a propriedade e a intimidade dos participantes somente durante a sessão' (PAÍN, 2001, p. 27).

Em ateliê arteterapêutico busca-se um ambiente acolhedor, organizado e planejado, para o

acolhimento desse sujeito em processo de aprendizagem, onde se almeja conhecer e entender o desconhecido, o novo que poderá trazer impulso para novas aprendizagens. Nesse ambientes, o sujeito é o eixo central a ser trabalhado, numa leitura ora do seu mundo interno, ora do seu mundo interno interligado com o mundo externo.

Quando se planeja uma oficina criativa deve-se ter todo cuidado com o material a ser utilizado, assim como a relação que este material tem com o objetivo do encontro, considerando o que esse material artístico poderá acionar no sujeito, procurando cuidar do processo de amadurecimento desse ser em questão, buscando preservar sua integridade emocional. É preciso saber que material artístico utilizar, adequando-o ao objetivo do módulo.

Com a escrita do presente artigo a pesquisadora se apropria de Manudala, se descobre e recria pedaços esquecidos dentro de si, se descobre como autora e escritora de suas próprias ideias e se percebe capaz de sistematizar seus conhecimentos e transformá-los úteis e públicos a outros que queiram saber um pouco sobre esse campo de conhecimento, tão denso e prospero que é a arteterapia, a ponte necessária que promoveu transformações essenciais como a apropriação da autoria do pensar.

REFERÊNCIAS

ALLESSANDRINI, Cristina Dias. **Oficina Criativa e Psicopedagogia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 3.ed., 1996.

ALLESSANDRINI, Cristina Dias. **Tramas Criadoras na Construção do "ser si mesmo"**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

ALLESSANDRINI, Cristina Dias. **Análise Microgenética da Oficina Criativa: Projeto de modelagem em argila**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

COUTINHO, Vanessa. **Arteterapia com Crianças**. Rio de Janeiro: Wak. 2005.

KAGIN-LUSEBRINK, Sandra *et al.* ETC – **The expressive therapies continuum**. Texto mimeografado. Traduzido por Sema Ciornai. Compilado e revisado por Cristina Dias Allessandrini. Departamento de Arte Terapia, Instituto Sedes Sapientiae, 1995.

MORAES, M. C. **Pensamento eco-sistêmico, educação, aprendizagem e cidadania no século XXI.** Petrópolis: Vozes, 2004.

PAIN, S. e JARREAU, G. **Teoria e Técnica da Arte-terapia:** A compreensão do sujeito. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

REESCREVENDO a vida por Anne Niemeryer, Maio, 1994 – Planeta. p.23-27.

SAVIANI, Iraci, O Espiritual e a Arte na Arte Terapia. **Revista de Arte Terapia: Reflexões**, ano I, n.1, Departamento de Arte – Terapia do Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, 2004.

Recebido em: 15/05/2015

Avaliado em: 17/05/2015

Aceito em: 17/06/2015
